

FH garante que baixará os juros

FABIANO LANA E PAULO MUSSOI

REELEIÇÃO

"Em primeiro lugar está o Brasil, o nosso empenho em manter o real, em manter condições melhores para o Brasil, como um país que tem futuro. Já tomei (medidas) em 1995, tomei muitas vezes, tomarei quantas vezes for necessário, em qualquer momento. Isso abale ou não abale uma eventual candidatura. Esse assunto, para mim, não tem importância."

JUROS

"É prematura a avaliação dos efeitos da alta de juros sobre as contas públicas. Também não precisa muito cálculo para perceber que não dá para manter a taxa nesse nível, que ela realmente criará um embaraço fiscal muito grande. Então, o pensamento nosso é a ação, transparência, para que nós tenhamos credibilidade para baixar essas taxas de juros. Não se sabe quanto vai durar. Não adianta perguntar quando, porque, para mim, esse quando seria amanhã. Ou hoje."

RESERVAS

"O Banco Central está recompondo as reservas desde sexta-feira à tarde. É bom esclarecer que, quando se diz que houve uma perda de US\$ 5 bilhões, isso é relativo. A perda significa que alguém que tinha reais foi ao Banco Central e comprou com esses reais os dólares. Deixou no BC os reais e levou os dólares para casa. Às vezes para fora. E uma boa parte ficou aqui mesmo. Alguns porque ficaram com receio, e outros queriam especular."

ESPECULAÇÃO

"Os que queriam especular imaginavam que, como os dólares seriam desvalorizados, eles ficariam com os dólares na mão e depois comprariam de novo os reais, ganhando. Como o dólar não foi desvalorizado, eles ficaram com a batata quente na mão. E quando o BC diz que não vai remunerar os depósitos, a batata fica mais quente ainda. Então, uma parte dessas pessoas volta a vender os dólares para o Banco Central. E vende o dólar a preço mais baixo do que o BC cobrou dele. Então o BC tem um pequeno ganho. Isso não é bom, não – era melhor que não tivéssemos mexido nas reservas –, mas não é uma perda no sentido comum de que você perdeu o dinheiro. As reservas se recompuseram com esse mesmo dinheiro."

INVESTIDORES

"O investidor de fora fica olhando a reação do governo. E ele calcula quais são os déficits potenciais. Ele calcula e vê que, se essas medidas forem tomadas, desanuiam o Estado brasileiro. Então isso tem efeito hoje. Não é que o dinheiro vá entrar hoje, mas a expectativa sobre como estão as contas do governo é hoje, não é amanhã. E é isso que permite reduzir as taxas de juros. Porque as pessoas vão estar apostando que o governo se liberou de um fardo. E se a reforma fosse mais consistente ainda, os investidores diriam: 'Bom, esse governo encontrou o seu caminho'."

REFORMAS

"As reformas não resolvem, é o conjunto que resolve: aumentar a exportação, uma política fiscal mais austera, uma política monetária – que já tem sido mais austera –, a capacidade de atrair mais investimentos. É um conjunto. E nesse conjunto as reformas são um sinal positivo."

VOTO DE CONSCIÊNCIA

"Votos de reforma não podem estar condicionados à aprovação de emendas, porque voto de reforma é voto de consciência. É voto a favor do Brasil. Há pessoas que têm objeções também de consciência contra as reformas. É preciso respeitar, sobretudo as de oposição, porque, se são contra, são contra e têm lá suas razões. Agora, os que são a favor das reformas – os deputados todos do PPB, imagino, o PSDB nem se discute, o PFL também, o PMDB, na medida em que está a favor do governo – vão votar a favor. Os líderes do PSDB reafirmaram tranquilamente que o partido quer urgência nas reformas. Estão dispostos a fechar questão no partido. Algumas dessas reformas são complexas. As reformas da Previdência e da administração tocam muitas vezes em legítimos interesses ou, muitas vezes, em visões – que não são nem interesses – legítimas, com as quais eu não concordo, e tento mostrar que devem ser diferentes."

FIDELIDADE PARTIDÁRIA

"Formalmente, o governo tem maioria. Formalmente. Mas, todo mundo sabe, se nós estivéssemos num país onde os

BRASÍLIA – Em sua primeira entrevista coletiva após a crise deflagrada pela queda das bolsas de valores, o presidente Fernando Henrique Cardoso garantiu ontem que o governo vai baixar as taxas de juros. "Não dá para tapar o sol com a peneira. Não precisa fazer muitos cálculos para perceber que não dá para manter por muito tempo", reconheceu, referindo-se à elevação dos juros pelo Banco Central, na semana passada. "A taxa realmente criará um embaraço fiscal muito grande."

Se pretende baixar os juros, o governo não vai mexer no câmbio. "Não modificaremos nossa política cambial. Não há nenhuma possibilidade. Na Ásia, os países que fizeram isso acabaram, no final, aumentando suas taxas de juros, como nós fizemos. Aprendemos com a história", disse o presidente.



Fernando Henrique defendeu uma política fiscal austera e disse que aprovar as reformas é um sinal positivo: "É simbólico, mas eficaz"

partidos tivessem realmente fidelidade partidária, pudessem fechar questão... Como não têm, toda gente sabe que não basta o conjunto de partidos apoiar o governo para os votos virem. Haverá sempre setores de partidos ou pessoas que são contra e o governo terá que discutir sempre com eles. Apesar disso, devo dizer que nós ganhamos quase tudo, com muito empenho. E empenho que nunca deixei de ter."

EMPENHO DO GOVERNO

O governo fez a parte tributária que estava ao seu alcance. Alterou o imposto de renda de pessoa jurídica, alterou o imposto de renda de pessoa física, criou o simples – que foi uma modificação essencial para as pequenas e microempresas, fez a desoneração do ICMS de exportação, a desoneração dos bens de capital na importação, fez muita coisa na área tributária. Então, você pode dizer, por que não fez mais? Porque há um impasse efetivo na questão, sobretudo, da distribuição de recursos entre estados, municípios e União, e na questão relativa a quem vai coletar esses recursos. O secretário-geral do Ministério da Fazenda, recentemente, esteve no Congresso e rerepresentou as idéias do governo para avançar a reforma tributária. Como nós estamos numa democracia, e isso é ótimo, o governo, no que lhe corresponde agir no plano infraconstitucional ou no plano de decisões administrativas, tem agido para aliviar a carga tributária. No que diz respeito a um pacto político federativo, que é disso que se trata agora, não pode ser assim, tem que haver um consenso."

EMENDAS

"O governo tem orientação clara. Se as emendas couberem nos critérios técnicos, elas serão aprovadas, como foram

ano passado. É claro que isso gera uma certa ansiedade, não dá para aprovar todas de uma vez. E os que recebem ficam mais felizes, os que não recebem ficam menos felizes, imaginam que não vão receber. Isso tudo é normal. Agora, como existe esse problema de redução de gastos, é possível que sejam afetadas as emendas. Acabei de dizer que tomarei as medidas necessárias, mesmo que elas afetem a mim. Por que que eu terei medo de afetar os outros? Não. Eu só não posso afetar o interesse do Brasil."

CORTES

"Na primeira proposta que me chegou às mãos, educação e saúde estavam fora. O nosso orçamento já é muito austero, não é um orçamento caracterizado por liberalidades. Daí a nossa dificuldade de exercício desses cortes. Eles serão anunciados, não estão decididos, estamos analisando tudo isso. Mas há cuidados que temos de ter. Primeiro não podemos fragilizar nossos projetos de investimento, além de certos limites. Temos que manter os investimentos. Em segundo lugar, em certas áreas, saúde e educação não podem ser afetadas."

GASTOS

"Temos que discutir a qualidade do gasto. Não se trata só de gastar. Gastar mais não é bom, é gastar bem. Em todas as áreas, isso inclui educação e saúde, essa pergunta deve ser feita: esse programa está dando resultado, poderá ser feito com menos recursos? Eu tenho dito, e não é de agora, que nós temos que sair de um paradigma quantitativo, que só pensa quanto gastou, para ver o qualitativo, se gastou bem. Muitas vezes gastou muito e gastou mal. Não posso negar que o Estado brasileiro gasta mal. Não sou eu, nem é este governo, nem um governo especí-

Fernando Henrique voltou a apelar para a união do país no momento difícil vivido pela economia e procurou espantar o fantasma da recessão. "Em 1995, quando tivemos que subir as taxas de juros, nunca houve recessão", lembrou. Fernando Henrique deixou claro que seu empenho pela aprovação das reformas é menos pelo aspecto financeiro e mais pelas repercussões. "Não é que o dinheiro vá entrar hoje, mas a expectativa sobre como estão as contas do governo é hoje, não é amanhã. E se as reformas fossem mais consistentes ainda, os investidores diriam: 'Bom, esse governo encontrou o seu caminho'."

O presidente adiantou que os corte nos gastos públicos não incluirão saúde, educação e os 42 projetos do Programa Brasil em Ação, apontado pela oposição como o carro-chefe da reeleição. "Se isso for o carro-chefe de minha campanha, eu estou bem", ironizou. "Estão confundindo o Brasil comigo."

Brasília – Jamil Bittar

fico. O conjunto do Brasil gasta mal. Acho que o ajuste fiscal é uma boa oportunidade para nós repensarmos o modo como gastamos. Não é só quantitativo, é qualitativo também."

OPOSIÇÃO

"Não é certo que eu cobre mais da oposição. Eu cobrei da oposição, num momento de dificuldades do Brasil, uma atitude mais compreensiva, separando governo de Estado, nação de partido. Em certos momentos é preciso ter sensibilidade porque é através dessa sensibilidade que o próprio povo mede a capacidade de liderança. Fiz dois ou três apelos. Não convidei ninguém (para a reunião de ontem) porque, a cada apelo que eu faço, vem uma saraivada, às vezes, até de desaforos. Masoquista eu não sou. Eu quero abrir um espaço de negociação alta para o país. Se as pessoas não querem, paciência. Mas eu não estou cobrando o fato de ser oposição. Se é oposição, é oposição mesmo. Agora, não estou cobrando mais da oposição. Eu estou chamando os partidos do governo. Eu repito aqui o que disse outro dia: quando era ministro da Fazenda e fui fazer o real, chamei o Lula e o José Dirceu. Tive longas discussões com eles, mostrei as consequências, pedi apoio, e vocês viram o que aconteceu, disseram que o real era pesado. Eu não acredito, mas dá a impressão ao país de que estão torcendo contra. Eu estou torcendo a favor, lutando pelo Brasil, vou continuar lutando pelo Brasil. Queria que todos tivessem essa atitude, mas cada um escolhe sua atitude."

MALUF

"O ex-prefeito Paulo Maluf, líder do PPB, veio ao Palácio da Alvorada para me dizer que apóia as reformas, que o

PPB apoiará as reformas e que ele não será candidato a presidente da República."

VULNERABILIDADE

"A crise revelou o que já se sabia. Que nós precisamos de medidas para diminuir a vulnerabilidade. O que é isso concretamente? Diminuir os déficits fiscais. É diminuindo o déficit fiscal que se tem indicador melhor. Temos que fortalecer as exportações. Nada disso se faz do dia para a noite."

DEFESAS

"Com relação a minha avaliação sobre a crise: em 95, tivemos o efeito chamado tequilla, provocado pela crise do México, em dezembro. Nós tivemos problemas que nós próprios talvez tenhamos provocado, com nossas operações de câmbio. E nós tínhamos fragilidade no sistema financeiro, nem nós tínhamos clareza sobre o alcance dessa fragilidade. Graças ao Proer, evitou-se que nós tivéssemos o que está acontecendo na Indonésia hoje, onde 16 bancos foram fechados. Quando se fecham 16 bancos, se arruinam milhões de depositantes. Aqui nenhum depositante perdeu nada. Quem perdeu foram os banqueiros, que tiveram seus bens arrestados."

GLOBALIZAÇÃO

"Ou existe um entendimento internacional que ponha uma certa ordem nesses mercados derivativos, ou realmente há sempre esse risco de que a especulação tome proporções tais que atrapalhe a economia real. Isso tem que ser suscitado em nível internacional. Nós temos um sistema econômico globalizado, primeiro para a produção das multinacionais; agora para o sistema financeiro, com essa globalização que ocorreu. E não temos uma autoridade mundial. Nem regras que tenham legitimidade em nível internacional."